

OLM School

Nome: Camila Sant'Anna- 9th grade B

Professor: Francesco Jordani

Matéria: Literatura

Data: 11-09-2019

A bomba relógio

Hoje é aquele dia nublado, nem muito quente nem frio de usar casaco. Do lado de fora há coisas voando, mas não se sabe ao certo o que são. As pessoas ainda não começaram a sair de seus containers, quer dizer, ainda não são seis da manhã. A essa hora, a refeição matinal é entregue de porta em porta. Ouço a batida e vou rapidamente comer. Torno-me um míssil.

Mal vejo o tempo passar e - *bang!* Corro até o lado de fora e rapidamente me encaixo na fila. Na minha frente, vejo o Três, mas o Cinco não está. A fila das marcadas de vermelho também está diferente, um pouco menor. Será que os levaram? O Cinco deve estar fazendo algo novo. Espero que estejam bem.

A marcha começa. Fecho os meus olhos e prendo o ar.

O coral toma forma:

— Um e dois, três e quatro, cinco e seis, sete e oito...

Bang! O segundo tiro do dia é disparado.

Chegou a hora do treinamento de pilotagem. Sento no meu lugar e começo a manipular o avião. Recentemente, atualizaram as naves para soltarem mais dez bombas!

Posso dizer que essa é uma das minhas atividades preferidas. Tem algo sobre as formas das explosões que me deixa tranquilo, mas hoje esta sensação está diferente. Por que eu não estou satisfeito com isso? Estranho. Uma gota d'água cai do meu olho. Devo estar com alergia. Vai, Quatro, concentre-se!

Bang! O terceiro já foi.

A voz sinaliza:

— Posicionem-se já!

Mais uma vez, a fila se forma. Vamos todos ao campo principal.

Todos nós começamos a marchar:

— Um e dois, três e quatro, cinco e seis, sete e oito...

Finalmente chegamos. Tento reconhecer as atividades planejadas, mas não estou me recordando.

A voz distante volta:

— O plano de hoje é treinar as suas habilidades de combate. Prestem atenção para não errarem, pois vocês...

De repente, não ouço mais nada. Desconcentro-me. Olho para cima e vejo outra criatura voadora. Pena que ela está tão longe, até parece que tem algo nos mantendo separados. Um dia, quero voar com ela e fugir. Não vejo mais nada. Sinto que estou sendo levado para bem longe. Aproveito, e caio no sono.

Acordo. Aonde estou? Tento me mexer mas não consigo. Olho ao redor e vejo o Cinco. Do outro lado do vidro, reconheço algumas das mulheres da fila ao lado da minha. Todos estão com fios presos as suas cabeças. Toco na minha cabeça, e percebo que também estou atado.

Observo mais cuidadosamente o local, tentando encontrar possíveis respostas para tudo isso. A maioria das coisas que vejo, são novas para mim e admito que não sei a funcionalidade de muitas delas.

A sala está cheia de máquinas modernas, diferentes dos painéis de controle que estou acostumado a ver. São tantas, que é até difícil de imaginar o que elas não são capazes de fazer. Pela quantidade de luzes e botões, parecem fazer muito mais do que manipular um simples objeto.

A porta se abre. Atrás dela, encontra-se um homem alto, de cabelos grisalhos e sério. Só agora me dou conta de quão novo eu sou. Esse homem deve ter no mínimo cinco vezes a minha idade. Tento me comunicar com ele, mas algo me impede. Ele começa a manipular um controle, e, do nada, me levanto e começo a segui-lo.

O homem me guia, e eu, também. Paramos em frente a outra sala.

Ouço-o dizendo:

— Senhores, precisamos de uma solução urgente! Estamos cada vez mais, perdendo o controle dos selvagens. Mesmo que nunca sejamos iguais, daqui a pouco, teremos todos de conviver na mesma comunidade. Isso é inimaginável!

Estou confuso. Começo a prestar mais atenção na conversa:

— Não sei mais o que podemos fazer para impedi-los de se desenvolverem dessa maneira. É frustrante ver todo o nosso trabalho, de formar uma sociedade perfeita, ser destruído por pessoas insignificantes e marginais como elas.

Recebo um choque de realidade.

O homem sai da sala e continuamos caminhando. Percebo, em uma salinha escondida, um grupo de mulheres. Elas estão todas enfileiradas, nuas, sem seus uniformes. Em frente a elas, há uma máquina que parece as estar analisando. Algumas dessas mulheres têm a mesma marcação vermelha em seus braços das mulheres de onde moro.

Mais adiante, em uma mesa comprida, vejo algo familiar. Reconheço as criaturas voando hoje mais cedo, dentro de diversos containers pequenos. São centenas delas. Fico imóvel diante desta cena. O homem continua andando, mas, por algum motivo, permaneço parado. Minha alergia ataca novamente. Dessa vez não consigo contê-la.

O homem, estressado, tira algo de dentro do uniforme e começa a falar:

— Posso até lidar com alguns problemas, mas não admito perder o controle!

Bang!